



RICARDO ARAÚJO PEREIRA

BOCA
DO
INFERNO



ILUSTRAÇÕES DE
JOÃO FAZENDA

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVII

© 2007, Ricardo Araújo Pereira e Edições tinta-da-china, Lda.

Rua João de Freitas Branco, 35A

1500-627 Lisboa

Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30

E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Boca do Inferno*

Autor: Ricardo Araújo Pereira

Ilustrações: João Fazenda

Revisão: Tinta-da-china

Capa e composição: Vera Tavares

Ilustração da capa: João Fazenda

2.ª edição: Novembro de 2007

ISBN 978-972-8955-42-7

Depósito Legal n.º 267578/07

As crónicas de *Boca do Inferno*
foram publicadas na revista *Visão*
entre 2004 e 2007.

*Um Reino de tal valor
e de povo tão honrado
é justo seja louvado
desde o vassalo ao Snr.
Ainda que fraco orador
a verdade hei-de dizer,
e cada qual recolher
pode aquilo que lhe toca
ainda que digna o provoca
uma imitação Real
Este é o bom governo de Portugal.*

Atribuído a GREGÓRIO DE MATOS

Nasce o sol, e não dura mais que um dia

GREGÓRIO DE MATOS

ÍNDICE

Adoxografia	9
Meditações Políticas	63
Exame de Problemáticas Sociais	145
Outras Considerações de Vário Tipo	256

Posfácio	
Relativamente Interessantíssimo	285

Índice Onomástico	291
-------------------	-----

ADOXOGRAFIA



Anástrofe e incerteza em Tony Carreira

Quem é, hoje, o mais conhecido e apreciado poeta português? A Academia divide-se, o que demonstra, uma vez mais, que a Academia não percebe nada do assunto. Inúmeros portugueses sabem de cor os seus versos — e, no entanto, a universidade despreza-o, a crítica ignora-o, as selectas barram-lhe a entrada. Valha-nos o povo, especialmente aquela parcela do povo que é constituída por senhoras maiores de 50 anos, que o venera. O mais famoso poeta português da actualidade é, sem dúvida nenhuma, Tony Carreira. Fazia falta um estudo sério sobre a sua obra. Um pouco vergado sob o fardo de ser sempre pioneiro a fazer o que faz falta, aqui o apresento.

O primeiro aspecto que o leitor de Tony Carreira deverá ter em conta é o seu universo vocabular. Carreira definiu um vocabulário restrito, não porque queira, como Eugénio de Andrade, estabelecer um conjunto de vocábulos essenciais e, a partir desse núcleo, obter uma expressividade reforçada pelos contextos inesperados em que eles surgem, mas, ao que tudo indica, porque conhece poucas palavras. E a maior parte das que conhece não tem muitas sílabas. Tony Carreira não perde tempo a procurar o adjectivo certo. Na dúvida, é tudo «lindo». É o caso da vida, no poema «Não

chores mais» («Não chores mais / não nunca mais / que a vida é tão linda»), da mãe, em «Mãe querida» («Hoje velhinha estás, querida mãezinha / Mas para mim sempre serás tu a mais linda»), de uma casa, em «Coração perdido» («Hoje vives numa linda casa»), ou de várias coisas, no poema «Ai que saudades» (nele, o herói parte de «uma casinha branca tão linda», recorda «esse cantinho doce e tão lindo» e anseia pelo regresso à «ilha linda (...) que o viu nascer», que é, evidentemente, a «linda Madeira»).

Mas quem é, no fundo, Tony Carreira? No essencial, talvez um vagabundo. O poeta apresenta-se como «um eterno vagabundo» (em «Quem era eu sem ti»), declara «sou vagabundo, não vou parar» (em «A minha guitarra»), descreve-se como «um romântico, meio vagabundo» (em «Será que sou feliz»), adianta que «ninguém conseguia mesmo parar / o meu lado vagabundo» (em «Um homem muda»), define-se como um «vagabundo feliz» (em «A vida que eu escolhi») e, no belíssimo «Eterno vagabundo», confessa: «Já pensei ter mulher / Ter um lar a condizer / Mas não deu // Porque o meu coração / É vagabundo / Até mais não». Talvez o melhor retrato do poeta seja, de facto, o deste «vagabundo até mais não», uma vez que, como vimos, há muita indigência na poesia de Carreira (e aqui estou a ser tão denotativo quanto conotativo).

Enquanto poeta, Tony Carreira está preocupado com dois problemas principais: a quantidade de frases que, não terminando numa palavra acabada em «ar», não podem rimar com outras frases que terminem numa palavra acabada em «ar» (e por isso recorre com frequência a belas anástrofes, como em «Morena bonita»: «Um dia destes eu com ela vou falar / Vou fazer tudo p'ra seu amor conquistar»); e as idiossincrasias do amor, e as perplexidades que elas causam. Neste capítulo, são exemplares os poemas «Qualquer dia posso-me cansar» («E quando as coisas correm mal porque é que tu me ofendes / Se ao fim da noite queres fazer as pazes na cama?») e «Cai nos meus braços, Maria» («Tu que estás aí dançando / Faz aquilo que eu desejo / Vem para mim bamboleando / Sim, tro-

peça nos meus beijos (...) Vem nesse bamboleado / Escorrega nos meus lábios»), sendo que este último parece alertar para o carácter traiçoeiro dos beijos, que ora fazem tropeçar, ora saem de lábios escorregadios. A registar por quem, desejando entregar-se aos prazeres do amor, não queira, ainda assim, partir uma perna.

Fica o incentivo para uma leitura atenta da poesia de Tony Carreira — que, por ser inclassificável, não me sinto capaz de adjectivar. A não ser, talvez, com a expressão «muito linda».



Triste sina

Esta semana fui comprar cuecas. Peço, porém, ao leitor que contenha a emoção. Bem sei que, num país de cronistas insossos, haver um que enceta a crónica despertando imediatamente no leitor a inquietação que só a grande literatura consegue provocar comove toda a gente sofisticada. Compreendo que o leitor deseje largar imediatamente a revista. Percebo a urgência de ir verter a frase que ali está para latim e tatuá-la nas costas. Mas aquelas cinco palavras — que, de resto, compõem um estupendo decassílabo — não são apenas um achado estilístico: são também a mais pura verdade. É por isso que chamo a atenção para o que se segue.

A cueca, sabemo-lo todos, ocupa um lugar central na nossa vida. Quase todas as pessoas que conheço me manifestaram, num momento ou noutro da sua existência, a seguinte preocupação: «As cuecas que trago hoje estão em mau estado. Se tiver um acidente e for necessário despirem-me, será uma vergonha.» Este lamento é bem revelador da importância das cuecas. Aquilo que as pessoas mais temem, na eventualidade de um acidente, não é a dor física, é a dor moral de serem apanhadas com cuecas feias ou velhas — ou, Deus nos valha, feias e velhas. E o certo é que,

quando penso na hipótese de ter, por exemplo, um desastre de automóvel, se há algo que me conforta é imaginar que um dos bombeiros, na altura de me colocar na maca, dirá, com admiração «Que excelentes cuecas enverga este estropiado!» ou «Onde terá aqui o pernetá adquirido estas magníficas cuecas?»

Tendo tudo isto em consideração, tornou-se óbvio que a aquisição de cuecas era uma tarefa demasiado importante para que eu pudesse levá-la a cabo sem aconselhamento. E foi por isso que, como qualquer pessoa sensata faria, recorri ao Oráculo de Bellini.

Que eu tenha conhecimento, o Oráculo de Bellini vaticina o futuro em seis revistas diferentes: a *Nova Gente*, a *Maria*, a *Mulher Moderna*, a *VIP*, a *TV 7 Dias* e a *Ana*. Os problemas começam aqui. O Oráculo fornece conselhos diferentes aos leitores de cada revista. Se, por exemplo, na *Maria*, na *Mulher Moderna* e na *Ana*, me recomenda «seja honesta consigo própria e não se deixe iludir» (um bom conselho, uma vez que esta semana eu tinha decidido que iria deixar-me iludir), o Oráculo reserva para os leitores da *Mulher Moderna* e da *Ana* o aviso «Previna o stress. Tendência para problemas no aparelho circulatório.» Isto significa que, mais do que conhecer o futuro dos nativos de Touro, o Oráculo tem informações sobre o futuro dos nativos de Touro compradores da *Mulher Moderna* e da *Ana*: são os mais *stressados* e atreitos a problemas no aparelho circulatório, males que não afligem os nativos de Touro compradores da *Nova Gente*, *Maria*, *VIP* e *TV 7 Dias*. Por outro lado, aos nativos de Touro leitores da *VIP*, *TV 7 Dias* e *Nova Gente*, o Oráculo de Bellini aconselha «não cometa erros irreparáveis». Mais uma vez, a recomendação surpreende por dois motivos: primeiro, apanha de surpresa todos os nativos de Touro que estavam com ela fisgada para cometer erros irreparáveis no período entre 21 e 27 de Maio (entre os quais me incluo), e vêm assim negado o seu desejo, o que é bastante arrelhiador; segundo, parece significar que os nativos de Touro leitores da *Ana*, *Maria* e *Mulher Moderna* podem cometer erros irreparáveis à vontade,

uma vez que não há mal que os apanhe esta semana. Finalmente, o Oráculo recomenda aos nativos de Touro leitores da *TV7 Dias*, *VIP*, *Maria* e *Ana* que «se afastem de atracções meramente físicas» (logo as minhas predilectas... Enfim, há semanas azaradas).

Pesadas todas as sugestões, acabei por adquirir umas cuecas com o elástico lasso (para prevenir problemas no aparelho circulatório) e de flanela grossa, bem pouco sensual (para me livrar das atracções meramente físicas). O único cuidado que tive foi pedir que as cuecas não fossem amarelas. Ser apanhado com cuecas amarelas constituiria, no meu entender, um erro irreparável.



A justa medida

Permitam-me que utilize este espaço para um anúncio judicial: vou processar o sexólogo Nuno Monteiro Pereira, autor do livro *O Pénis — da Masculinidade ao Órgão Masculino*, que acaba de sair. Trata-se de um estudo científico sobre o pénis, e eu não tenho nada contra a ciência nem contra o pénis — excepto quando ambos se juntam para me dar cabo da vida. É o caso deste estudo. No livro, o dr. Monteiro Pereira revela que os homens mais altos possuem um pénis maior do que os mais baixos, e que o pénis dos magros é maior do que o dos gordos. Eu, que tenho 1,93 metros e sou escanzelado, já estava a preparar um bonito cesto de flores com um simpático cartão de agradecimento ao cientista quando constato que, na mesma obra, o dr. Monteiro Pereira discorre longamente sobre os inconvenientes do excesso de dimensão peniana. Não se faz.

A agravar tudo isto, junte-se o facto de a credibilidade do estudo ser absolutamente inatacável. Por exemplo, o dr. Monteiro Pereira revela que o comprimento médio do pénis português é de 15,82 centímetros. Ciência é isto: rigor. Não são 16 centímetros. Não são 15,8 centímetros. São 15,82 centímetros. Temos a informação sobre os centímetros (15), os milímetros (8) e a unidade

de medida que vem imediatamente a seguir aos milímetros (2), cujo nome não me ocorre neste momento, embora o meu pénis a possua. Benditos 0,02 centímetros, que se juntaram aos 15,8 e não foram deixados de fora. Dito assim, não impressiona, mas 0,02 centímetros podem fazer muito pela auto-estima do pénis português. Eu sou um leigo em medição peniana (sou, aliás, um leigo em quase tudo, faz parte do meu encanto), mas não deixo de me impressionar com a precisão deste estudo. E também com a importância que o seu objecto mereceu. Neste estudo foram usados instrumentos de medição que arredondam até à centésima de centímetro. Para um objecto de estudo menos digno, uma fita métrica teria bastado.

Seja como for, este estudo pode ser, também, libertador. Sobretudo na medida em que pode salvar o homem da opressão feminina. Chega, minhas senhoras. Nós não somos apenas objectos sexuais. Somos mais do que simples caras bonitas. Possuímos um órgão sexual fascinante e até de dimensões, em média, muito aceitáveis? Possuímos, sim senhora. Mas ele é também um protagonista de tratados científicos, motivo de discussão para investigadores que, em regra, até por usarem óculos muito grossos e terem, em geral, borbulhas, se servem mais dele no âmbito da ciência do que no do lazer. Merece, por isso, mais respeito. Às vezes falha? Ouvi dizer que sim, mas há de certeza uma razão extremamente científica que o justifica.



Condição humana e chulé em Avô Cantigas

O mais recente álbum do Avô Cantigas lidera, muito justamente, o *top* nacional de discos. Trata-se de um álbum maduro sem deixar de ser inovador, complexo sem deixar de ser comercial, sofisticado sem deixar de se referir a cocó.

O tema que dá nome ao álbum é, desde logo, todo um programa: «Fantasminha brincalhão». Convocar os fantasmas para o universo infantil, não sendo inédito, continua a ser arrojado. É importante manter presente que um fantasma é o espírito de uma pessoa morta — daí que, normalmente, os fantasmas sejam conhecidos pelo seu mau perder. Um dos fantasmas mais famosos da história, o do pai do príncipe Hamlet, regressou ao mundo dos vivos porque o irmão o matou, e ele levou-lhe aquilo a mal. Não sei se é desfeita que mereça a pena vir de propósito do Além, que ainda deve ser longe, mas a verdade é que quem não passa por elas não pode falar.

Que pretende o fantasma de Avô Cantigas? No essencial, chatear: «Fantasminha brincalhão / és um grande trapalhão / gostas muito de fazer “Bu, bu, bu, bu”». Aparentemente, é um fantasma com menos *pathos* que o de Shakespeare. Mas, dada a sua qualidade de alma desprovida de corpo, pode constituir o primeiro contacto das crianças com a ideia da sua própria extinção, ainda que esse

confronto seja temperado com alguma irreverência: «Fantasminha brincalhão / não me metes medo não / aparece e tu vais ver». O apelo à insurreição contra o fantasma (contra a morte?) contido naquele «aparece e tu vais ver» é corajoso e audaz: o fantasma que apareça, avisa Cantigas, a ver se não leva um par de sapatos nas fantasmagóricas ventas.

O segundo tema do álbum, «Um dó li tá», reforça a inquietação de Cantigas perante a fragilidade humana: «Olha ali um quá quá quá, / olha ali um mé mé mé, / olha ali um xi xi xi, / olha ali um có có có.» Que nos diz Avô Cantigas? Diz-nos que o ser humano, o milagre da Criação, aquele que é dotado de um intelecto de tal forma pujante que lhe permite fundir o átomo, viajar até à Lua ou editar e distribuir à escala planetária revistas de gajas nuas, também faz xixi e cocó. Não somos só o prodígio que fotografa e imprime em alta definição a Miss Setembro. Somos também — e, se calhar, sobretudo — um animal que faz cocó.

Quase todos os temas envolvem, de uma forma ou de outra, animais. Cantigas conhece o seu público e sabe que a criança média conhece mais bicharada do que o David Attenborough. É sem surpresa que constatamos, pois, que o protagonista da faixa 6 («Ai que chulé, Sarapicolé!») é um sapo. «O sapo Sarapicolé / mora na lagoa mas não lava o pé. // E ralha a rã Sarapicolá: / “Vai lavar o pé ou sai daqui já”.» O refrão sublinha o desconforto causado pelo chulé: «Sarapicolé, vai lavar o pé. Ai, que chulé! Ai, que chulé!» Mesmo o hermeneuta mais incapaz consegue vislumbrar uma vez mais, neste sapo, o ser humano — e a sua miséria, desta feita consubstanciada em chulé. A angústia com que Hamlet encara a caveira de Yorick é parente próxima daquela com que Avô Cantigas aspira o chulé do sapo Sarapicolé. Mas, ajudado por uma caveira, também eu assusto leitores com o término da existência, ó Shakespeare. Fazer o mesmo com chulé: eis a minha definição de artista.



César das Neves, o sex symbol

Quão doente tem de estar uma sociedade para que se gaste tanto tempo a esmiuçar um assunto menor como são as eleições legislativas e tão pouco ou nenhum a discutir a magnífica entrevista que João César das Neves deu ao jornal *O Independente* da passada sexta-feira? E quão doente tenho eu de estar para começar uma crónica com a palavra «quão»? A resposta às duas questões é: muito, evidentemente.

Em duas páginas de entrevista, César das Neves usa cinco vezes a palavra *deboche* e condena o aborto, o preservativo, a homossexualidade, a masturbação e tudo o que, de um modo geral, ele calcula que possa dar prazer a alguém. Só há uma coisa que não se desculpa ao entrevistador, José Eduardo Fialho Gouveia: o facto de não ter perguntado a César das Neves qual é a marca de fósforos que usa nos seus autos-de-fé. Continuamos sem saber, e é pena.

A tese fundamental de César das Neves é esta: «o acto sexual não é só uma questão de prazer». E, se for excluída a intenção de procriar, o sexo transforma-se «numa coisa mecânica, animal». A ideia de que o sexo para procriar é humano e o sexo pelo prazer é «uma coisa animal» é interessante, e a Natureza confirma-a:

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- ACÁCIO, MANUEL: 152-154
Águas, Rui: 284
Allen, Woody: 278
Almeida, Joaquim de: 171
Almeida, Paulo: 260
Alves, Gabriel: 102
Amaral, Diogo Freitas do: 75, 94, 97-8
Amaral, João Mota: 120
Anderson, Pamela: 218
Andrade, Carlos Drummond de: 269
Andrade, Eugénio de: 11
Antunes, António Lobo: 142
Antunes, Ramiro: 74
Arriaga, Káulza de: 27
Artur Jorge: 106
Ash, Timothy Garton: 104
Assis, Francisco: 125
Avô Cantigas: 19-20
Azevedo, Belmiro de: 204
- BAHIA, MARIA JOÃO: 41
Balsemão, Francisco: 148
Baltasar (personagem de *Memorial do Convento*): 26
Barbie: 51
Barroso, José Manuel Durão: 79, 102, 130
Batatinha: 118
Beethoven, Ludwig van: 196
- Bellini, oráculo de: 15, 37
Bento XVI, papa: 203, 232
Berardo, Joe: 231-2
Bin Laden, Ossama: 89-90, 219, 246
Blimunda (personagem de *Memorial do Convento*): 26
Bloom, Harold: 25
Bobó, Mamadu: 80
Bono: 243-4
Bota, José Mendes: 243
Brown, Dan: 171
Bryan, Peter: 221-2
Bueno, Eduardo: 269
Burton, Tim: 48
Bush, George: 49, 244
Bush, George W.: 49, 67, 90, 244-5
- CAEIRO, ALBERTO: 44
Camões, Luís Vaz de: 98, 254
Camus, Albert: 200, 269
Cardoso, José Lopes: 97-8
Carey, Mariah: 244
Carreira, Tony: 11-3
Carrilho, Manuel Maria: 78, 114, 116
Carvalho, António Galopim de: 108
Carvalho, Carlos Fontão de: 77
Casaco, António Rosa: 27-8
Castro, Marta Leite de: 83, 218
César (imperador): 124

Chabal, Sébastien: 264
Chalana: 260
Charrua, Fernando: 91
Cicarelli, Daniela: 47-8
Cicciolina: 55
Cinderela: 169
Coelho, Eduardo Prado: 143, 181
Coelho, Jorge: 100
Coluna: 260
Copérnico, Nicolau: 273-4
Costa, Jorge Nuno Pinto da: 200
Cousteau, Jacques: 47
Couto, Mia: 266
Cunhal, Álvaro: 28, 175

DALAI LAMA: 125
Darwin, Charles: 264
Delgado, Humberto: 27
Delgado, Luís: 36-8, 94, 171, 278
Deus: 14, 29-30, 67, 117, 126, 161, 182, 203-4, 218, 230, 232, 244, 250, 264, 266, 267, 276
Domingues, Maria Elisa: 175
Dom Quixote: 182
Duvall, Robert: 251

EANES, ANTÓNIO RAMALHO: 82, 118, 135-6
Edison, Thomas: 56, 244
Espada, João Carlos: 104, 109-11
Eusébio: 270, 271, 272

FELGUEIRAS, FÁTIMA: 103, 123, 125-6
Fernandes, António Costa: 98
Fernandes, Joaquina: 74
Fernandes, Manuel: 260
Fernandes, padre Acílio: 161
Ferreira, José Gomes: 269-70
Figo: 247-8
Floribella: 25, 33-5
Fonseca, Manuel da: 42
Franco, Matilde Sousa: 119
Fukuyama, Francis: 31, 143

GALILEI, GALILEU: 274
Gata Borralheira: 33
Geldof, Bob: 244
Gil, José: 165, 171-2

Godinho, Sérgio: 208
Gonçalves, Jorge Jardim: 231
Gouveia, José Eduardo Fialho: 21
Goya y Lucientes, Francisco de: 228
Guedes, Luís Marques: 128
Guedes, Luís Nobre: 68, 121-2
Guimarães, Bárbara: 54
Guinot, Maria: 142-3
Gutenberg, Johannes: 244
Guterres, António: 66

HAMLET: 19-20
Hitler, Adolf: 68, 90, 174
Hudson, Rock: 197
Hussein, Saddam: 90, 227-8

IONESCO, EUGÈNE: 32

JACK, O ESTRIPADOR: 186
Jackson, Michael: 184
Jardim, Alberto João: 31, 69, 85-6
Jardim, Cinha: 51-2, 104
Jardim, Pimpinha: 51-2
Jesus Cristo: 80, 110, 126, 178, 189, 281
Judas: 97

KARLFELDT, ERIK AXEL: 42

LIMA, DUARTE: 243
Lino, Mário: 91, 195
Lobo, Luís Freitas: 25-6
Lopes, Pedro Santana: 37-8, 40, 46, 76, 102, 111, 117-8, 123, 166, 173, 178, 253
Loreno, padre: 178-9
Louçã, Francisco: 36, 75, 111
Loureiro, Valentim: 79, 275
Lúcia, irmã: 178, 218

MACBETH: 25
Machado, António Montalvão: 128
Madame Bovary: 181
Madre Teresa de Calcutá: 266
Magritte, René: 68
Maia, Fernando Salgueiro: 86
Maistre, Xavier de: 143
Malagrida, padre: 203
Malhoa, José: 120
Manet, Édouard: 228

Manso, Ana: 128, 229
Manuel José: 80
Maradona, Diego: 265
Marías, Javier: 269
Marley, Bob: 184
Marques, Fernando: 74
Marx, Karl: 37, 205, 235
Mattoso, José: 254
Maya: 37
McCann, Gerry: 186
Mendes, Luís Marques: 66, 71, 81, 133, 134, 165-6
Menezes, Luís Filipe: 66, 79-81
Mickey: 148, 169-70
Milu: 34
Miss Universo: 101
Mistress Foxy: 56
Mitterrand: 36
Mónica, Maria Filomena: 177
Moniz, Martim: 254
Montalbán, Manuel Vasquez: 269
Monteiro, Manuel: 65
Moreira, Margarida: 91
Moss, Kate: 48
Moura, Vasco Graça: 235
Mourinho, José: 26, 207
Mozart, Wolfgang Amadeus: 165
Mussolini, Benito: 68

NEVES, JOÃO CÉSAR DAS: 21-2
Nossa Senhora de Fátima: 122

PACHECO, LUIZ: 42
Pasternak, Boris: 42
Pauleta: 59, 89
Pereira, José Pacheco: 90, 93, 180, 209-10, 247
Pereira, Nuno da Câmara: 119
Pereira, Nuno Monteiro: 17
Pereira, Ricardo Araújo: 287-9
Pet Shop Boys: 244
Pinho, Manuel: 72, 87-8
Pinto, Margarida Rebelo: 143
Pinto, Paulo Teixeira: 231
Pitágoras: 242
Pombal, Marquês de: 107
Popper, Karl: 104
Portas, Paulo: 39, 76

Poulat, Éric: 268

RAMOS, JAIME: 31-2, 85
Ratzinger, Joseph: 122
Rio, Rui: 124
Rodrigues, Amália: 34
Rodrigues, António Carmona: 40, 114, 134
Rodrigues, Nelson: 269
Rogeiro, Nuno: 180
Ronaldo, Cristiano: 59, 218

SALAZAR, ANTÓNIO DE OLIVEIRA: 68, 173-5, 190
Sampaio, Jorge: 46, 50, 109-10, 120, 142, 176, 248
Sanches, José Luís Saldanha: 129
Sancho Pança: 182
Santos, Arménio: 128
Santos, José Loureiro dos: 246
Saraiva, José António: 93
Saramago, José: 26, 96
Sarapicolé, sapo: 20
Sarmento, Nuno Morais: 120
Sartre, Jean-Paul: 42
Scolari, Luiz Felipe: 162
Seixo, Maria Alzira: 235, 288
Serrão, Jacinto: 31-2
Serrão, Joaquim Veríssimo: 32
Shaka Zulu: 86
Shakespeare: 19-20, 25, 43
Shakira: 244
Shéu: 260
Shrek: 147
Silva, Aníbal Cavaco: 45-6, 49-50, 66, 82-3, 103-5, 107-10, 141
Silva, Maria Cavaco: 49
Simão: 260
Smith, Adam: 32
Soares, Mário: 82-3, 103, 107-8
Sócrates, José: 36-7, 66, 75-6, 91, 94, 100, 112, 117-8, 130, 165, 181, 196, 223, 249-50
Sónia Baby: 56
Sousa, Marcelo Rebelo de: 37, 139, 166, 180
Super-Homem: 23-4
Suza, Linda de: 168

TELLES, LYGIA FAGUNDES: 270
Thatcher, Margaret: 37, 51
Torres, Avelino Ferreira: 73, 140, 254
Torres, Valentina: 278
Trindade, Bernardo: 47

VALENTE, VASCO PULIDO: 39-40, 67-8,
210, 253
Venâncio, Fernando: 26
Veríssimo, Luís Fernando: 269

Vicente, Gil: 275
Vieira, Luís Filipe: 265
Village People: 197

WAYNE, JOHN: 197

YORICK (PERSONAGEM DE *HAMLET*): 20

ZANDINGA: 102
Zapatero, José Luís: 165

ESTA EDIÇÃO DE
BOCA DO INFERNO
FOI COMPOSTA EM CARACTERES HOEFLER TEXT
E IMPRESSA PELA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
SOBRE PAPEL MUNKEN POCKET DE 80 GRS,
NUMA TIRAGEM DE 2500 EXEMPLARES,
EM NOVEMBRO DE 2007.

